

SOCIABILIDADES TORCEDORAS:

UMA ANÁLISE DA FORMA DE TORCER EM FORTALEZA NOS ANOS 1960 E 1970

Caio Lucas Morais Pinheiro*

Resumo

Este artigo faz uma reflexão sobre o comportamento, as formas de expressão e a estética das torcidas de futebol nos anos 1960 e 1970 em Fortaleza, antes do surgimento das torcidas organizadas jovens. Nessa perspectiva, analisaremos a construção de um modelo na forma de torcer e a sua relação com o espaço urbano e com a globalização. Historicizar a mobilização populacional do futebol revela, pois, aspectos do cotidiano da cidade e de como sujeitos vivenciaram e construíram experiências a partir do futebol. As fontes utilizadas são os periódicos, as imagens e as entrevistas, realizadas pela metodologia, procedimentos e técnicas da História Oral. Temos como hipótese que a sociabilidade torcedora é protagonizada em consonância com a realidade social do período, revelando, sobretudo, a maneira como os torcedores entendiam a realidade e expressavam os valores da época.

Palavras-chaves: Sociabilidade. Cotidiano. Torcida.

Introdução

Quando se ingressa em um estádio de futebol por ocasião de algum jogo importante, uma das primeiras sensações que perpassam corpos e mentes torcedores é o êxtase da comunhão proporcionada pelo espetáculo. Todavia, sente-se também temor e resignação diante da multidão confinada. A massa igualmente seduz e assusta; encanta pela sua beleza estética, tal qual um gigantesco mosaico, e atemoriza por sua grandiosidade e onipresença. (TOLEDO, 2000, p. 128).

A presença do público nos estádios é um fenômeno indissociável da trajetória do futebol. A relação entre o torcedor e o jogo perpassa a identificação com os times envolvidos e revela uma rede de práticas e condutas que vai além do jogo praticado dentro de campo.

Nessa perspectiva, compreender a maneira como os torcedores e as torcidas expressaram essas práticas e condutas em diferentes momentos revelam como parte da

* Historiador e aluno do Mestrado em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE). Integra o Grupo de pesquisas *Sociedade de Estudos em Esporte* da Universidade Federal do Ceará (SEE/UFC).

população, a “massa” torcedora, manifestava-se dentro e fora dos estádios, atuava no espaço urbano e dava significados ao cotidiano.

As formas de torcer, assim, diferenciam-se em cada momento da sociedade e dialogam com os seus costumes e transformações. Em Fortaleza, por exemplo, as formas de torcer se alteraram com o passar do tempo e mostram como a relação entre futebol, torcida e cidade se redimensiona conforme o período.

O “êxtase da comunhão” dos torcedores em um estádio, segundo Luiz Henrique de Toledo, à primeira vista, possibilita a identificação de uma “massa” de torcedores. Contudo, nessa aparente homogeneidade da multidão, “residem modos e comportamentos específicos de se relacionar com o evento futebolístico, que escapam à mera assistência passiva ao jogo” (TOLEDO, 2000, p.128). Ou seja, a própria torcida contém diferentes formas de torcer no mesmo espaço e no mesmo período, constituindo relações de amizade, identidade, hierarquia, disputa e conflito.

Nesse sentido, nesse trabalho intenta-se refletir sobre as formas de torcer existentes nas décadas de 1960 e 1970, na cidade de Fortaleza. Este período se caracteriza por uma constante presença do público nos jogos de futebol e a constituição de específicos tipos de sociabilidade torcedora: as charangas.

A investigação sobre o fenômeno das torcidas teve como ponto de partida os pressupostos da História Cultural, que concede relevância ao método do fazer-história, pelo qual as representações, o simbólico, as sensibilidades e as experiências tornaram-se fundamentais para a compreensão dos sujeitos históricos no cotidiano.

Nessa perspectiva, tudo que nos remete à realidade desse cenário urbano em que há a presença das torcidas pode ser considerada fonte histórica devido à ampliação da noção do que é fonte, segundo a qual não apenas os documentos oficiais ou fontes escritas são consideradas válidas para a produção do conhecimento científico.

Destarte, para dar continuidade à pesquisa, iniciamos a compilação de fontes, entendendo que o historiador, muitas vezes, tem a função de selecionador. O historiador, assim, realoca vestígios e dá-lhes o caráter de fonte, produzindo documentos e, a partir disso, constrói histórias e desfechos que envolve procedimentos em uma operação historiográfica (CERTEAU, 1982).

Ao longo da escrita deste trabalho, utilizamos como fonte os periódicos “Diário do Nordeste” e o “O Povo”, o depoimento dos sujeitos entrevistados, as imagens e os documentos dos arquivos pessoais desses atores sociais.

Torcidas na cidade: torcedor-líder, charanga e mudanças

A transformação do público que frequenta os estádios acontece desde a chegada do futebol nas várias cidades, seja no que toca ao poder aquisitivo dos torcedores, ao comportamento e a própria estética das arquibancadas.

Assim, as formas de torcer estiveram se alterando na medida em que sujeitos, grupos e gerações significaram diferentemente suas ações e traduziam para o ser torcedor o entendimento da vida e da realidade da época. A forma de torcer em um determinado período e espaço, portanto, não é um aspecto natural, pois “Na ‘microfísica do poder’ torcedor, os estádios eram igualmente campos de conflitos, arenas de disputas por espaço, representação e modos de dominação” (HOLLANDA, 2012, p.109).

Nos anos 1960 e 1970 predominaram modelos de torcidas em que possuíam uma espécie de “líder” ou torcedor-referência de cada time e também predominavam as charangas nos estádios.

No caso da torcida do Ceará Sporting Club, o torcedor “líder” e referência era conhecido como “Pedrão da Bananada”, proprietário de uma lanchonete no Abrigo Central. Em um depoimento ao periódico Diário do Nordeste, ele lembrou:

Antigamente não tinha essa estória de botar nome em torcida, porém a coisa era bem mais organizada, bem mais festiva. A gente pegava e armava um show mesmo, que era apresentado antes dos jogos e acompanhava o time para onde ele fosse. Tínhamos um grupo de batuqueiros e um grupo que fazia um desfile dentro do campo, antes da entrada do time. Todo mundo aplaudia e era um espetáculo à parte. Isso levava dinheiro pra fazer essas coisas, nunca recebi dinheiro do Ceará, muito pelo contrário. Eu era responsável pelas mocinhas e pelos rapazes da batucada; e levava e trazia todo mundo em ônibus alugado por mim mesmo e depois ainda dava o lanche da turma toda: bananada, é claro, no Abrigo Central. (**Diário do Nordeste**, 22.mar.1982, p.4)

No momento de eclosão e de formação das primeiras torcidas organizadas em Fortaleza, “Pedrão da Bananada” recorda saudosamente uma outra época e critica a

formação das novas torcidas organizadas. Entretanto, a sua liderança, que aglutinava pessoas e animava o público, não constituía uma torcida organizada, tratava-se mais do caráter festivo dentro do estádio. Nessa época, a sociabilidade torcedora nas arquibancadas acontecia principalmente com as charangas. No caso da torcida do Fortaleza, a Charanga do Gumercindo era reconhecida em toda a cidade para além do futebol, pois se apresentava nos carnavais de rua.

Antônio Gumercindo era um apaixonado pelo futebol, apaixonado pelo Fortaleza. Sua charanga fez sucesso. Marcou época. Um incentivo especial ao seu Tricolor de Aço. Charanga que era verdade banda de música. Em dia de clássico maior, Fortaleza x Ceará, parece que estava vendo a chegada da charanga. Gumercindo à frente, vestindo camiseta, chapéu na mão, acenando para a multidão. Uma figura ímpar. (**Diário do Nordeste**, Fortaleza, 26 abr. 1991, p.16)

Nas décadas de 1960 e 1970, as charangas eram as atrações dentro e fora dos estádios, despertando a atenção do público nas arquibancadas. Com um conjunto de instrumentos de sopro e de percussão e músicas tradicionais, as charangas animavam o público presente nos estádios. Em Fortaleza, a mais ou uma das mais conhecidas charangas era a de Gumercindo Gondim, conforme podemos perceber em uma recordação dos jornais Diário do Nordeste:

Ninguém animou tanto a torcida do Fortaleza quanto Gumercindo Gondim. Aí [foto] ele aparece a frente de sua famosa charanga, antes de mais uma movimentação no Castelão [Estádio Plácido Aderaldo Castelo]. Com essa charanga, Gumercindo ganhou também vários troféus, participando dos carnavais de rua de Fortaleza. Depois da morte de Gumercindo, nunca mais houve outra charanga tão completa. (**Diário do Nordeste**, 26.abr.1991, p.16)



Foto 1: Charanga do Gumercindo Gondim.
Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Oswaldo Fontenele¹, torcedor do Fortaleza, em entrevista, ao ser interrogado se havia torcidas organizadas durante as décadas de 1960 e 1970, lembrou como era o público no estádio, revelando a importância da Charanga do Gumerindo:

Não, não. Não existiam torcidas organizadas não. Pelo contrário, naquela época não tinha nem como porque era todo mundo junto, ficava todo mundo junto. Tinha, assim, de organizada só a charanga do Gumerindo, a famosa charanga do Gumerindo, que foi um dos caras que alavancou mais a torcida do Fortaleza. A charanga dele era famosíssima, ele partia na frente da charanga com um charutão na boca, um chapéu, os caras iam tocando o hino do Fortaleza e geralmente marchinhas, de carnaval da época, né, marchinhas tradicionais, e sempre nas marchinhas a gente fazia como se fosse assim um hino do Fortaleza no meio. E sempre era assim, a gente vinha pro estádio acompanhando a charanga, contornava ali aquela arquibancada e era aplaudido pela torcida. Então, onde se juntava mais gente não era torcida organizada, onde se aglomerava mais torcedores era na Charanga do Gumerindo. (**Francisco Oswaldo Castelo Branco Fontenele**, Fortaleza, 29 de julho de 2013)

Nota-se que, no caso da torcida do Fortaleza, a charanga era o espaço que mais juntava pessoas, porém ao desfilar perante o público, os torcedores presentes no estádio aplaudiam e festejavam junto à charanga.

O caso da torcida do Ceará Sporting Club é singular porque antes do surgimento da sua primeira torcida organizada, um grupo de torcedores, em 1975, decidiu criar o Movimento de Renovação Alvinegra (MORENA), cuja atuação estava ligada a projetos fora do estádio. Logo, a MORENA dedicava-se, em geral, à relação com a diretoria do clube e em atividades em prol do crescimento deste, como podemos perceber no depoimento de um dos fundadores do grupo, Francisco Alves Teixeira², quando perguntado sobre a existência de torcidas organizadas na torcida do Ceará, respondeu:

Olha, ela não tinha torcida organizada, tinha a morena que era um Movimento de Renovação Alvinegra que, sempre os clubes passavam por momentos de privações, e nós fazíamos campanha junto aos torcedores a um pessoal mais abastado pra arrecadar meios. E isso nós éramos, por exemplo, Seu Walter Filgueiras, Eutino Moreira, que era muito bem relacionado, Carlos David, tinha Roma, filha do saudoso... escritor famoso da Marechal Deodoro... e o Vilnei. A gente fazia ali uma tribo justamente pra gente arrecadar meios pra junto com a diretoria fazer o time do Ceará levar uma rendazinha. (**Francisco Alves Teixeira**, Fortaleza, 23 de maio de 2014).

Isto é, o integrante do movimento afirma que na torcida do Ceará não havia torcida organizada propriamente dita, o que existia era a MORENA, uma espécie de união

¹ Francisco Oswaldo Castelo Branco Fontenele nasceu em Fortaleza em 13 de maio de 1955. Foi presidente da Garra Tricolor a partir de 1983, casou-se com um componente da Garra Tricolor

² Francisco Alves Teixeira, mais conhecido como Mitotonio, foi um dos integrantes do Movimento de Renovação Alvinegra, nasceu em 12/02/1939 e também participou do Projeto Ceará 2000.

de torcedores que se reuniam em prol da melhoria do clube em diversos projetos. Contudo, o surgimento desse movimento organizado que tinha reuniões e relacionamento com a diretoria é aqui percebido como um indício do surgimento das torcidas organizadas jovens, já que “a MORENA era só fora do estádio, era uma fonte de apoio que o Ceará tinha. (...) Tinha o apoio financeiro, tinha o apoio... era também social, tinha um apoio social muito forte” (**Francisco Alves Teixeira**, Fortaleza, 23 de maio de 2014). Nesse sentido, João Ricardo Santos³, o fundador da Carrossel Alvinegro, uma das primeiras torcidas organizadas jovem, criada em 1984, ao relacionar essas torcidas dos anos 1980 com a MORENA, mostra que a principal diferença era

Estética, a MORENA ela ia mais pelo nome, um movimento que é como se você juntasse uns ex-pracinhas da Segunda Guerra Mundial pra ir pra uma festa, eles iam ficar tudo juntinho ali, mas movimento nenhum. (...) Essas torcidas aí [dos anos 1980], não, já é mais alegoria, já enfatizava o eixo da força, da explosão. (**João Ricardo Santos**, Fortaleza, 23 de maio de 2014).

Aos poucos, as charangas deixam de ocupar o papel principal da animação dentro dos estádios. A partir da década de 1980, surgem as primeiras torcidas organizadas em Fortaleza, que, por muitos anos, utilizaram os instrumentos e as músicas cantadas pelas antigas charangas.

Embora tenham mantido o significado das charangas, essas torcidas organizadas eram compostas por jovens inseridos em gerações distintas daquelas que fundaram e consolidaram as charangas. A cultura juvenil era outra e, dessa forma, as torcidas organizadas trouxeram novos aspectos para os estádios, fora deles e nas relações com as diretorias dos clubes.

Os meios de comunicação, nessa perspectiva, procuravam expor a necessidade das torcidas se organizarem, protestarem lutarem por direitos frente aos dirigentes, assim

Já seria uma bora hora para estas torcidas se organizarem de fato e usarem a força que podem ter para mudar muitas decisões tomadas contra eles mesmos. Falta às torcidas de Ceará, Fortaleza e Ferroviário um líder para agrupar forças em torno de um ideal, de uma opinião, do direito de torcer e não ser esbulhado na hora que bem querem os dirigentes. Se cada grupo de grandes torcedores se unisse para formar uma sólida torcida organizada as coisas poderiam ser manipulada de maneira diferente, pois só assim o torcedor, responsável direto

³ João Ricardo Santos foi fundador da Torcida Organizada Carrossel Alvinegro em 1984. Morador do Bairro Gentilandia, nasceu no ano de 1956 e conviveu no entorno do estádio Presidente Vargas e estabeleceu inúmeros contatos entre os torcedores nos anos 1960, 1970 e 1980.

pelo sucesso do espetáculo, seria mais respeitado. (**Diário do Nordeste**, 31.jul.1982, p.19)

Dessa reportagem do ano de 1982, que por vezes se aproxima de uma convocatória aos torcedores, infere-se o desejo de solidificar os direitos dos torcedores através da união dos grupos de torcedores a fim de que sejam respeitados. Pouco tempo depois da formação da primeira torcida organizada em Fortaleza, portanto, esperava-se que esses novos agrupamentos agregassem esses valores.

Depreende-se, assim, que a passagem da charanga e do torcedor “líder” ou “chefe” para a formação das torcidas organizadas mostra mudanças de comportamento – apoio total ao clube x protestos -, como também relacionados à estética – a festa nas arquibancadas –, contribuindo para o registro histórico das manifestações dos torcedores. Tal transformação “tinha em mira não apenas um alvo específico – um chefe -, mas a fissura de um modelo” (HOLLANDA, 2012, p.113).

E, de fato, as torcidas jovens possuíam esse viés contestador, às vezes contraditório, face ao amor e ao incentivo aos seus respectivos clubes. O “mantra” de apoio irrestrito ao clube era colocado em questão, principalmente nas crises, momentos em que os torcedores se aglomeravam diante das torcidas organizadas. Em um dos casos ligados à torcida organizada Garra Tricolor, o jornal Diário do Nordeste mostra a reação pioneira desse grupo frente a uma decisão da diretoria:

Pela primeira vez, na história do futebol cearense, um treinador é demitido pela diretoria do Fortaleza, e sua torcida se solidariza com o técnico, a ponto de levá-lo à Praça do Ferreira, nos braços. Foi o que aconteceu ontem pela manhã, com Célio de Sousa. O presidente da “Garra Tricolor”, Ricardo Lemos, revoltado com a atitude do presidente Silvio Carlos, entregou o cargo, alegando que jamais vai lutar em prol do Fortaleza, pois se conscientizou de que a própria diretoria quer o pior para o clube. Após a dispensa, o treinador Célio de Sousa foi levado por integrantes da “Garra”, para um restaurante da cidade... (**Diário do Nordeste**, 30.abr.1982, p.20)

O presidente da “Garra Tricolor” entregou o cargo após a atitude do presidente do clube e os integrantes da torcida também se opuseram à demissão do treinador, situação que revela um embate entre a torcida organizada versus a diretoria do clube. Assim, além do apoio aos seus clubes através da arrecadação de dinheiro, churrascos e bingos, essas torcidas organizadas faziam frente ao que encaravam como errado pelos representantes dos seus clubes.

Em outra reportagem, intitulada “Garra Tricolor é exigente e pede as novas contratações”, esse teor reivindicativo aparece novamente aliado também ao papel de apoio ao clube:

Ricardo Lemos, presidente da “Garra Tricolor”, inicialmente enalteceu o trabalho que vem realizando a nova diretoria, destacando sobretudo a atuação do presidente Silvio Carlos cuja filosofia vem sendo a de estar sempre em convívio com o torcedor pedindo não só ajuda financeira como também a opinião de cada um, caracterizando democraticamente uma administração que se prenuncia das mais proficuas. Os representantes da “Garra Tricolor”, cuja atuação junto ao clube tem sido por demais benéfica, falaram também da necessidade da contratação de jogadores capazes realmente de causarem, impacto e até de “acordarem” uma torcida que está sonhando com a reconquista de uma hegemonia que vem durante sete anos. (**Diário do Nordeste**, 19.dez.1981, p.32)

Infere-se que o presidente e a diretoria da torcida Garra Tricolor presente na reportagem situam-se em uma relação de ténue com a diretoria do clube, cujo apoio é limitado pelos desejos dos torcedores, pelo desabafo que é realizado na reportagem.

Nessa perspectiva, a formação das primeiras Torcidas Organizadas no Ceará nos remete ao início dos “anos 1980”. O crescimento dessas torcidas nesse período se insere em um processo de modificação das formas de torcer que acontece conforme as transformações da sociedade. Bernardo Buarque de Hollanda, ao refletir sobre as torcidas organizadas no Rio de Janeiro, afirma que a emergência das torcidas jovens está relacionada ao contexto dos anos 1960 no Brasil e no mundo de postura contestadora. Logo, “é possível salientar como, no decorrer da segunda metade do século XX, a frequência, o comportamento e o perfil dos estádios foram sendo alterados de maneira contínua e acompanharam também as transformações oriundas da sociedade” (HOLLANDA, 2008, p.185)

Conclusão

Historicizar a mobilização populacional que o futebol promoveu desde a sua chegada ao Brasil constitui um conjunto de reflexões e de abordagens para a historiografia. A adesão de torcedores à prática esportiva possibilita levantar debates sobre o cotidiano das cidades e como esses sujeitos vivenciaram experiências a partir do futebol.

Dos públicos que ocuparam os espaços dos estádios de futebol durante o século XX emergem diferentes aspectos socioculturais que precisam ser investigados com maior rigor. Desse modo, as sociabilidades torcedoras, em seus diversos aspectos, justificam-se como objeto de estudo para os historiadores devido à relevância com que se apresentam desde o século passado à atualidade. Nesse sentido, investiga-se a sociabilidade torcedora no cotidiano de Fortaleza buscando, através de uma investigação histórica, compreender as ações desses agentes nos estádios e nas experiências construídas/vivenciadas fora deles.

O enraizamento cultural do futebol, portanto, suscita uma série de questões que, para historiadores como Luiz Ribeiro⁴ e Hilário Franco Júnior⁵, sugerem discussões imprescindíveis à análise do historiador, principalmente quando o último pergunta: “qual é o fascínio do futebol”? (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.165). A resposta para essa questão foi simplificada quando Franco Júnior afirma que “o futebol fala da própria vida”, e acrescenta: “como toda metáfora, uma coisa no lugar de outra, o futebol é sentido antes de ser compreendido, e no entanto, como toda metáfora, ele pode, e deve, ser também analítica e criticamente examinado” (Ibid, p.166). Isto é, este esporte é uma metáfora do viver humano na realidade social que deve ser analisada criticamente. O diálogo com Hilário Franco Júnior é significativo e necessário na medida em que, no futebol, os que sentem com maior intensidade são os torcedores, e compreender como se constitui a sociabilidade e o sentimento nessas subjetividades apresenta-se como uma análise para os historiadores (RIBEIRO, 2012).

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**: atualidade e origem de um campo disciplinar. História Revista, Goiânia, v.12, n.2, p.279-315, jul./dez.2007.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

⁴ RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol**: por uma história política da paixão nacional. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR

⁵ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade – São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. **Futebol Objeto das ciências humanas /** organização Flavio de Campos e Daniela Alfonsi. – 1. ed. – São Paulo : Leya, 2014.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. **O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil** - elementos teóricos e bibliográficos. Revista da Alesde, v. 3, p. 39-51, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

DAMATTA, Roberto. **O Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei . **Futebol e Identidade Social**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002. v. 1. 159p .

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)** / Bernardo Borges Buarque de Holanda; orientadora: Margarida de Souza Neves. – 2008.

_____ **A torcida brasileira** / Bernardo Buarque de Holanda... [et al.]. – Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **O jogo como meio de vida e para satisfazer a plateia: o processo de profissionalização do Futebol Cearense (1938-1960)**. 2013. Monografia - Curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e m.o.f.i**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 203f.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol: por uma histórica política da paixão nacional**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A Cidade das Torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In.: **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana** / José Guilherme C. Magnani; Lilian de Lucca Torres (organizadores). – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

_____ **Transgressão e violência entre os torcedores de futebol**. Revista da USP, São Paulo, n. 22, p. 93-101, jun./ago.1994.

_____ **Torcer: a metafísica do homem comum**. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010, Universidade de São Paulo. Brasil.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)**. Dissertação (Mestrado em História Social), Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.